

10. São José e a comunhão dos santos

O próprio Pai do Céu confiou a São José as coisas mais preciosas que tem: o seu Filho Jesus e a Virgem Maria.

Alargando as margens deste “sentir comum”, vemo-nos na chamada “comunhão dos santos” em Cristo: n’Ele formamos um só corpo, cuja cabeça é Jesus, e nós os membros.

02/02/2022

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 2 de fevereiro de 2022

Catequese sobre São José 10. São José e a comunhão dos santos

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Nas últimas semanas pudemos aprofundar a figura de São José, guiados pelas poucas, mas importantes informações dadas nos Evangelhos, e também pelos aspectos da sua personalidade, que a Igreja ao longo dos séculos foi capaz de destacar através da oração e da devoção. Partindo precisamente deste “*sentir comum*”, que na história da Igreja acompanhou a figura de São José, hoje gostaria de me concentrar num importante artigo de fé que pode enriquecer a nossa vida

cristã e também moldar da melhor maneira a nossa relação com os santos e com os nossos entes queridos falecidos: refiro-me à *comunhão dos santos*. Muitas vezes dizemos, no Credo, “creio na comunhão dos santos”. Mas se nos perguntarmos o que é a comunhão dos santos, lembro-me que quando era criança respondia imediatamente: “Ah, os santos fazem a comunhão”. É algo... não compreendemos o que dizemos. O que é a comunhão dos santos? Não é que os santos fazem a comunhão, não é isto: é outra coisa.

Às vezes até o cristianismo pode cair em formas de devoção que parecem refletir uma mentalidade que é mais pagã do que cristã. A diferença fundamental é que a nossa oração e a nossa devoção de povo fiel não se baseia, naqueles casos, na confiança num ser humano ou numa imagem ou num objeto, mesmo quando

sabemos que eles são sagrados. O profeta Jeremias lembra-nos: “Maldito o homem que confia noutro homem [...] Bendito o homem que deposita a confiança no Senhor” (17, 5-7). Até quando confiamos plenamente na intercessão de um santo, ou ainda mais na Virgem Maria, a nossa confiança só tem valor em relação a Cristo. Como se o caminho para este santo ou para Nossa Senhora não acabasse ali: não! Chega ali, mas em relação a Cristo. Cristo é o vínculo que nos une a Ele e entre nós, e tem um nome específico: este vínculo que nos une a todos, entre nós e com Cristo, é a “comunhão dos santos”. Não são os santos que fazem milagres, não! “Este santo é muito milagroso...”: não, observai: os santos não realizam milagres, mas é apenas a graça de Deus que atua através deles. Os milagres foram realizados por Deus, pela graça de Deus que age por intermédio de uma pessoa santa,

uma pessoa justa. É preciso esclarecer isto. Há pessoas que dizem: “Não creio em Deus, mas creio neste santo”. Não, está errado! O santo é um intercessor, alguém que reza por nós e nós rezamos a ele, e ora por nós e o Senhor concede-nos a graça: o Senhor age através do santo.

O que é, então, a “comunhão dos santos”? O *Catecismo da Igreja Católica* afirma: “A comunhão dos santos é precisamente a Igreja” (n. 946). Mas, que bonita definição! “A comunhão dos santos é precisamente a Igreja”. O que significa isto? Que a Igreja é reservada aos perfeitos? Não! Isto significa que é a comunidade dos *pecadores salvos*. A Igreja é a comunidade dos pecadores salvos. Como é bela esta definição! Ninguém se pode excluir da Igreja, todos somos pecadores salvos. A nossa santidade é o fruto do amor de Deus manifestado em Cristo, que nos santifica amando-nos na nossa

miséria e salvando-nos dela. Graças a Ele formamos sempre um só corpo, diz São Paulo, no qual Jesus é a Cabeça e nós os membros (cf. *1 Cor* 12, 12). Esta imagem do corpo de Cristo, a imagem do corpo, faz-nos compreender imediatamente o que significa estar ligados uns aos outros em *comunhão*: "Se um membro sofre – escreve São Paulo – todos os membros padecem com ele; e se um membro é tratado com carinho, todos os outros se congratulam por ele. Ora, vós sois o corpo de Cristo e cada um, por sua vez, é um dos seus membros" (*1 Cor* 12, 26-27). Paulo diz isto: somos todos um só corpo, todos unidos pela fé, pelo batismo, todos em *comunhão*: unidos em *comunhão* com Jesus Cristo. E esta é a *comunhão* dos santos.

Amados irmãos e irmãs, a alegria e o sofrimento que atingem a minha vida dizem respeito a todos, assim como a alegria e o sofrimento que

atingem a vida do irmão e da irmã ao nosso lado também dizem respeito a mim. Não posso ficar indiferente em relação aos outros, pois somos todos parte de um só corpo, em comunhão. Neste sentido, também o pecado de uma pessoa atinge sempre todos, e o amor de cada pessoa atinge todos. Em virtude da comunhão dos santos, desta união, cada membro da Igreja está ligado a mim de um modo profundo – mas não digo a mim porque sou o Papa – estamos ligados reciprocamente e de maneira profunda, e este vínculo é tão forte que não pode ser interrompido nem sequer pela morte. Com efeito, a comunhão dos santos não diz respeito apenas aos irmãos e irmãs que estão ao meu lado neste momento da história, mas também àqueles que concluíram a sua peregrinação terrena e atravessaram o limiar da morte. Também eles estão em comunhão conosco. Pensemos, caros irmãos e irmãs: em

Cristo ninguém nos pode separar verdadeiramente daqueles que amamos, porque o vínculo é um vínculo existencial, um laço forte que está na nossa própria natureza; só muda a forma de estar juntos com cada um deles, mas nada e ninguém pode interromper este vínculo.

“Padre, pensemos naqueles que negaram a fé, que são apóstatas, que são perseguidores da Igreja, que negaram o batismo: também eles estão em casa?”. Sim, também eles, inclusive os blasfemadores, todos. Somos irmãos: esta é a comunhão dos santos. A comunhão dos santos mantém unida a comunidade dos crentes na terra e no Céu.

Neste sentido, a relação de amizade que posso construir com um irmão ou irmã ao meu lado, também a posso estabelecer com um irmão ou irmã no Céu. Os santos são amigos com quem muito frequentemente estabelecemos relações de amizade.

Aquilo a que chamamos *devoção* a um santo – sou muito devoto deste santo, desta santa – a que chamamos *devoção* é na verdade um modo de expressar amor a partir deste mesmo vínculo que nos une. Também na vida de todos os dias podemos dizer: “Mas esta pessoa tem muita *devoção* pelos seus pais idosos”: não, é um modo de amar, uma expressão de amor. E todos sabemos que podemos sempre recorrer a um amigo, especialmente quando estamos em dificuldade e precisamos de ajuda. E nós precisamos dos amigos no Céu. Todos precisamos de amigos; todos precisamos de relações significativas que nos ajudem a enfrentar a vida. Também Jesus tinha os seus amigos e recorreu a eles nos momentos mais decisivos da sua experiência humana. Na história da Igreja há algumas constantes que acompanham a comunidade crente: em primeiro lugar, o grande afeto e o vínculo muito forte que a Igreja

sempre sentiu em relação a Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe. Mas também a honra especial e o afeto que Ela dedicou a São José. No fundo, Deus confia-lhe as coisas mais preciosas que tem: o seu Filho Jesus e a Virgem Maria. É sempre graças à comunhão dos santos que nos sentimos próximos dos santos e das santas que são nossos padroeiros, pelo nome que recebemos, por exemplo, pela Igreja a que pertencemos, pelo lugar onde vivemos, e assim por diante, também por uma devoção pessoal. E esta é a confiança que nos deve animar sempre a recorrer a eles nos momentos decisivos da nossa vida. A devoção aos santos não é algo mágico, não é uma superstição; é simplesmente falar com um irmão, uma irmã que está diante de Deus, que viveu uma vida justa, uma vida santa, uma vida exemplar, e agora está diante de Deus. E falo com este irmão, com esta irmã, e peço a sua

intercessão para as minhas necessidades.

É precisamente por isto que me agrada concluir esta catequese com uma oração a São José, à qual estou particularmente ligado e que recito todos os dias há mais de 40 anos. É uma oração que encontrei num livro de preces das Irmãs de Jesus e Maria, de 1700, do final do século XVI. É muito bonita, mas mais do que uma oração é um desafio a este amigo, a este pai, a este nosso guardião que é São José. Seria bom se aprendêsseis esta oração e pudésseis repeti-la. Lê-la-ei: “Glorioso Patriarca São José, cujo poder sabe tornar possíveis coisas impossíveis, vinde em meu auxílio nestes momentos de angústia e dificuldade. Tomai sob a vossa proteção as situações muito graves e difíceis que vos confio, para que possam ter uma solução feliz. Meu amado Pai, toda a minha confiança está depositada em vós. Que não se

diga que vos invoquei em vão, e dado que tudo podeis junto de Jesus e Maria, mostrai-me que a vossa bondade é grande como o vosso poder”. E termina com um desafio, isto é desafiar São José: “E dado que tudo podeis junto de Jesus e Maria, mostrai-me que a vossa bondade é grande como o vosso poder”. Confio-me todos os dias a São José, com esta oração, há mais de 40 anos: é uma antiga prece.

Em frente, coragem, nesta comunhão de todos os santos que temos no céu e na terra: o Senhor não nos abandona!

APELO

Já há um ano que assistimos de forma dolorosa às violências que ensanguentam Myanmar. Faço meu o apelo dos Bispos birmaneses, para

que a Comunidade internacional trabalhe em prol da reconciliação entre as partes interessadas. Não podemos desviar o olhar diante do sofrimento de tantos irmãos e irmãs. Peçamos a Deus, na oração, a consolação por essa população atormentada; a Ele confiemos os esforços de paz.

Depois de amanhã, 4 de fevereiro, celebrar-se-á o segundo Dia Internacional da Fraternidade Humana. É gratificante que nações de todo o mundo se unam nesta celebração, destinada a promover o diálogo inter-religioso e intercultural, como também desejado no *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*, assinado a 4 de fevereiro de 2019 em Abu Dhabi pelo Grão-Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyib, e por mim. Fraternidade significa estender a mão aos outros, respeitá-los e escutá-los com o

coração aberto. Espero que sejam dados passos concretos, com crentes de outras religiões e pessoas de boa vontade, para afirmar que hoje é um tempo de fraternidade, evitando alimentar conflitos, divisões e fechamentos. Oremos e comprometamo-nos cada dia para que todos possamos viver em paz como irmãos e irmãs.

Estão prestes a inaugurar-se os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Inverno em Pequim, respectivamente a 4 de fevereiro e a 4 de março. Dirijo de coração a minha saudação a todos os participantes; desejo aos organizadores o melhor êxito e aos atletas que deem o melhor de si. O esporte, com a sua linguagem universal, pode construir pontes de amizade e solidariedade entre pessoas de todas as culturas e religiões. Por conseguinte, apreciei que ao histórico lema olímpico *Citius*,

Altius, Fortius – mais veloz, mais alto, mais forte – o Comitê Olímpico Internacional tenha acrescentado a palavra *Communiter*, ou seja, *Juntos*, para que os Jogos Olímpicos façam crescer um mundo mais fraternal.

Com um pensamento especial, abraço todo o mundo paraolímpico. Ganharemos juntos a medalha mais importante, se o exemplo dos atletas com deficiências ajudar todos a superar preconceitos e receios e a tornar as nossas comunidades mais acolhedoras e inclusivas. Esta é a verdadeira medalha de ouro! Também acompanho com atenção e emoção as histórias pessoais dos atletas refugiados. Que os seus testemunhos ajudem a encorajar as sociedades civis a abrir-se com confiança cada vez maior a todos, sem deixar ninguém para trás. Desejo à grande família olímpica e paraolímpica que viva uma singular experiência de fraternidade humana

e de paz. *Bem-aventurados os
pacificadores!* (Mt 5, 9).

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/10-sao-
jose-e-a-comunhao-dos-santos/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/10-sao-jose-e-a-comunhao-dos-santos/)
(08/08/2025)